

Estratégia Sanitária

Em reunião com os Secretários de Saúde, em Brasília, para implantação da Política Nacional de Saúde, o Ministro Machado de Lemos referiu-se à reincidência da tuberculose. Esta doença, fácil de controlar e de curar depois da descoberta das hidrazidas, está vitimando por ano cerca de 120 mil brasileiros.

Deste número, 30 mil morrem. Há no país atualmente 500 mil pessoas afetadas, em maior ou menor grau, pela tuberculose. As estatísticas podem não ser rigorosamente exatas, pois na área da Saúde conhecem-se apenas por aproximação os dados dos males que afligem o país. Mas, de qualquer maneira, constituem um indicador social grave.

O elevado número de tuberculosos, aos quais se somam os brasileiros contagiados pela esquistossomose, cancer, mal de Chagas, malária, meningite, difteria e outras doenças, sem falar na subnutrição, que está na raiz de quase todas estas enfermidades, compõem um quadro de tintas sombrias. Impossível esconder a triste realidade. Estes elementos de aferição entram em confronto direto com os indicadores do desempenho econômico. Globalmente, o país vai bem. Setorialmente, os dados mostram que existem largas faixas entregues à pobreza desassistida.

As estatísticas no setor da Saúde falam por si mesmas. Indicam a condição desfavorável dos recursos humanos. Na formulação do Sistema Nacional de Saúde, que já teria sido encaminhado ao Presidente Médici, o Ministro Machado de Lemos incluiu 22 programas prioritários, todos eles incidentes na Saúde Pública. São as doen-

ças que lavram em forma de epidemias, endemias ou surtos. Algumas, para maior vexame nosso, deveriam estar erradicadas ou sob controle. Por serem doenças tropicais, elas empenham a honra nacional. Exigem preparo de especialistas médicos em maior número, pesquisas farmacêuticas, campanhas sanitárias levadas a todas as áreas críticas do país, verbas orçamentárias à altura do gigantesco empreendimento.

O Sistema Nacional de Saúde é a primeira tentativa a sério de qualificar o desenvolvimento brasileiro. O país ressentia-se da falta de uma estratégia sanitária que não se limitasse à Medicina curativa. O elenco de necessidades é dos mais vastos, desde a prevenção de doenças ao preparo de recursos humanos, ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, à melhoria dos índices de alimentação e nutrição e à extensão dos serviços de saúde.

Ignoram-se, por enquanto, as linhas mestras do Sistema Nacional de Saúde formulado pela equipe do Sr. Machado de Lemos. Entretanto, o fato de ser um plano global para aplicação progressiva, segundo uma ordem de prioridades, em regime de serviços descentralizados, cria expectativa favorável. Nenhum plano é perfeito. Qualquer planificação requer reajustamentos ditados pelo conhecimento mais íntimo da realidade que se pretende transformar. O importante no Sistema Nacional de Saúde, à margem os erros e omissões que ele deve conter forçosamente, é que começa logo a ser aplicado, com a orientação do Ministério da Saúde — e que o Governo lhe dê tratamento de impacto social.